



ILUSTRACAO PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cavs.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGERO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 49, LISBOA

Maquinas de escrever

Quereis as vossas maquinas bem concertadas? E gastando pouco dinheiro? Mandai á Rua Augusta, 76, 4.º, a J. Viegas.

Água amarela

Remedio que mata rapidamente todos os parasitas da cabeça e corpo. Destroe lendex e limpa a caspa.

Preço 1\$500, pelo correio 1\$800

Deposito geral FARMACIA SIMÕES

Rua Infante D. Henrique, 54

A S. THOME — LISBOA

LOJA INFANTIL

ESPECIALIDADE — em roupa para senhoras e crianças. Enxovais para noivas e recém-nascidos.

114, ROCIO, 115

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Estabelecimento destinado exclusivamente ao tratamento de senhoras e creanças

Directora: — **MADAME CAMPOS**

aureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra. — Diplomada com frequencia em massagem em MEDICA ESTETICA, pedicure, manicure e tintura de cabelos, pela Escola Francesa de Paris d'ORTOPEdia E MASSAGEM. — Ex-massagista assistente do Hotel Dieu, de Paris. Antiga professora diplomada inscrita e premiada em diferentes cadeiras. Quimica-Perfumista e Socia efectiva de diferentes Sociedades Scientificas, etc., etc.

AVENIDA DA LIBERDADE, 23-A

Telefone

Encerezo telegrafico

Estabelecimento unico no genero em Portugal e o mais importante da Peninsula

3641 — C.

BELFZAK

Esthetica Feminina

Tratamentos de Beleza pela Electricidade aplicada sob todas as suas formas

Massagem aplicada, esthetica e higiene, manual e combinada de electricidade, massagem vibratoria e pneumatica

Produtos Rainha da Hungria

Pó de Talco Rainha da Hungria — Contra a vermelhidão, erythemas, urticaria, calor, congestão do rosto devido ás perturbações da circulação, pruridos, eczemas, impetigo, erythemas das creanças gordas, etc.

Sabonete Rainha da Hungria — O mais delicioso e perfumado.

Creme Rainha da Hungria — Deliciosamente perfumado.

Pó Rainha da Hungria — Extracto para assetinar e aveludar a pele.

Água Rainha da Hungria — Limpa e fecha os poros e evita os pontos negros.

Pó de Arroz Rainha da Hungria — Magnifico para a pele.

O catalogo illustrado desta Academia envia-se a todas as pessoas que o requisitem mediante a importancia de 1\$00

N' venaa em todos os bons estabelecimentos

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

Avenida da Liberdade, 23-A



Gorôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria. é na

Camelia Branca

L. D'ABEGOARIA, 30

rua Chuado - Telf 3278

Crown Rikton and Cerkon Mty. C.^a

Machinas de escrever, accessorios e officinas de reparações
Preços resumidissimos

Vende J. Anão & C.^a L. da

R. Nova do Amparo, 6. 2.^o

Telefone 2536

LISBOA

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIBOS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



GAGO COUTINHO, o sabio ilustre, o aviador heroico, examinando o seu astrolabio antes da partida

AZAS DE PORTUGAL!

PORTUGAL era, já, a Patria das duas epopeias: a epopeia das ondas e a epopeia dos continentes. Raça sagrada pela grande Beleza da conquista e da Aventura. Raça em cujo sangue febril estremece todos os estímulos e todas as glorias. Raça de prodigiosos olhos que viu sempre além das terras e dos mares — e que vê agora, luminosamente, além das nuvens!

Eu assisti ao grande fremito nacional de aquela noite heroica. Pelas ruas esperava-se a noticia da chegada dos aviadores aos rochedos de São Pedro e São Paulo. Havia, nas expressões, sulcos de expectativa — nos gestos, reticencias ansiosas e comovidas. Ardiam os espiritos, na imaginaria visão das grandes azas portuguezas, perdidas no Alto, correndo o espaço num imenso vôo heraldico. Os corações tremiam, no vendaval das grandes esperanças. Pairava, sobre a cidade, a profecia incerta duma alvorada e dum triunfo.

Repentinamente, o sinal ergue-se, dominador, sonoro, como um revoar de sinos em aleluia. O fluido propaga-se, instantaneo, numa pulsação viva de relampago. As consciencias embandeiraram. Sente-se, nas almas, o clarão abençoado e limpo da vitoria — uma vitoria embriagada de orgulho. E as vozes sobem, aclamam, na rapsodia trémula dos entusiasmos livres. Ha grupos que se dispersam na cidade, e levam a grande noticia, a noticia que a multidão adivinha, e que vibra, na intimidade da Raça, como um formidável clarim epico! Dentro de minutos, o Rocio inunda-se. As ovações estalam no ar como girandolas. Os automoveis trepidam, as buzinas soam, como gritos de alarme, de fé e de alegria. Vêem-se homens correndo, ebrios de alvoroço, soltando frases de espanto e de delirio.

A palpação estende-se, rufla como uma tempestade de jubilo, abraça os ecos da cidade como um cantico numa catedral em festa.

Duas da madrugada. As casas adormecidas, exaustas — são velhas mumias em descanço. Mas a população vive, sai, passa nas ruas, victória a Patria, esquece o sono pelo Sonho! Braços estendem-se uns para os outros, na fraternidade dos momentos gloriosos. Lisboa inteira, erguida, inflamada, electrisada de fervor luziada — brada, canta, grita, enche-se de bulícios e de clamores, como uma creança enorme, uma creança varonil, uma creança com uma alvorada na Alma!

... Foi assim a noite heroica da nova aleluia da Raça. Foi assim a noite em que Portugal ficou sagrado como a Patria maxima das tres epopeias!...

João AMEAL.

AFONSO LOPES VIEIRA, o consagrado Poeta, evocador de antigos aromas líricos e de antigas figuras de lenda e de cancionero — acaba de publicar um livro novo: *Paiz lilaz, desterro azul*. Dêle falar em breve o nosso critico literario — mas desde já queremos afirmar a nossa homenagem ao Poeta luziada, fervorosamente luziada, ultimo trovador portuguez exilado na hora vertiginosa de hoje, nesta hora incaracteristica e doente, em que a alma da raça é um *encoberto dolorido*...

A *Ilustração Portuguesa* inaugurarã, no seu próximo numero, duas novas secções, destinadas a despertar o mais efusivo acolhimento do publico. Na *Semana do estrangeiro*, a intelligencia culta e vibratil de Alfredo Rocha Peixoto fará desenrolar, aos olhos dos nossos leitores, os curiosos aspectos do que de novo surgir pelo mundo fóra, em politica, em literatura, em arte, em teatros, em humorismos.

Na *Pagina infantil*, duas senhoras com uma carinhosa ternura pelas creanças, contarão, num estilo limpo e simples, pequenas historias que interessem os olhos e as imaginações ingenuas dos que começam a deixar-se prendêr p a vida e pelos seus espectaculos inéditos. Serão ligeiras narrativas ilustradas com um sabôr pitoresco, ironico e decorativo.

A critica dos livros, a partir do proximo numero, será firmada por *Ruy de Veras*, critico conhecido, que em varios jornaes de Lisboa tem demonstrado a sua cultura, o seu equilibrio e a sua intelligencia.

UM dos mais interessantes artistas da nova geração falava ao telefone com uma rapariga elegante, num *flirt* confortavel, sentado num *maple*, lançando alto as nuvens azuladas da cigarrilha. A certa altura, do lado de lá, ela tosse, numa tosse sacudida, violenta.

— Que é isso? Uma tosse tão romantica. . .

— A culpa é sua. E' o fumo do seu cigarro que me perturbou. . .

PARA o jantar de despedida oferecido a Antonio Ferro, no dia 1 de maio, no Restaurant Tavares, por um grupo de admiradores e amigos, já estão inscritos os senhores: Dr. Afonso Lopes Vieira, capitão de fragata Filomeno da Camara, Macedo e Brito, dr. José de Arruela, Ribeiro Lopes, Gualdino Gomes, dr. Mario Monteiro, João Ameal, José Pacheco, dr. Antonio de Menezes, Carlos Porfirio, Antonio de Monsanto, Sanches de Castro, Julião Quintinha, Leitão de Barros, José Dias Sancho, Victoriano Braga, Domingos de Araujo Afonso, dr. Gomes Mota, Bernardo Marques, Erico Braga, Antonio Soares, Victor Falcão, Pedro Ferro, Sarmento Duque, dr. Ferreira de Sousa, Augusto de Santa-Rita, Assis Esperança, Alfredo Ary, Tomaz Colaço, Carlos Córado, Garcia Robles, Georgeanto de Avelar, Gonçalo Melo Breyner, Garcia Peres, dr. Norberto de Magalhães, Artur Mera, Lopo da Camara, Afonso de Bragança, dr. Feliciano Santos, Allejo Carrera, dr. Alberto Amado, Luiz de Oliveira Guimarães, José de Esaguy, Oscar da Silva, Artur Maciel, Ivo Cruz, Ruy Coelho, Antonio Melo, Henrique Roldão, Eurico Cameira, Cottinelli Telmo, Silva Passos, Teofilo Duarte, dr. Horta e Costa, Fernando de Macedo, Cardoso Marta, Rodrigues Leal, Alvaro de Andrade, Stuart Carvalhaes, Victor Lopes, José Bruges de Oliveira, Raposo Botelho, Augusto de Esaguy, Francisco do Amaral, dr. Joaquim Leitão, Luiz Macieira, Americo Durão, dr. Bento Coelho da Rocha, Antonio Alves, Manuel Colares Pereira, Armando Ferreira, Ruy Vaz, Urbano Rodrigues, Mario Pires e dr. Costa Metelo.

A comissão é composta dos senhores: dr. Gomes Mota, Vitoriano Braga, dr. Antonio de Menezes, José Pacheco e João Ameal, podendo todas as pessoas que quizerem dar a sua adesão dirigir-se a este ultimo, «*Ilustração Portuguesa*», Rua do Seculo, 45.



Dr. Luiz de Sousa Dantas, embaixador do Brasil junto do Quirinal



Dr. Pedro de Toledo, embaixador do Brasil em Buenos-Aires



Dr. Guerra Duval, ministro plenipotenciario do Brasil na Alemanha

Dr. Barros Moreira, embaixador do Brasil na Belgica



Dr. Rodrigo Octavio, antigo sub-secretario de Estado das Relações Exteriores do Brasil



Cinco dos candidatos à sucessão do ilustre embaixador Fontoura Xavier



O ilustre pintor João Vaz no seu «atelier»

A ENTREVISTA DA SEMANA JOÃO VAZ

PELO meio da tarde, uma tarde nevoenta desta primavera triste que traz mais outono para as almas do que os versos doentios de certos poetas decadentes, vou em demanda dêsse grande pintor das marinhas e dos mastros, o religioso devoto da mocidade e da beleza que é João Vaz.

Ali mesmo na «Bobone», naquela sala recatada onde o artista tem a sua obra exposta á mercê de todos os olhos profanos — os olhos miopes, anônimos do público — sou acolhido por João Vaz, com uma fidalguia, uma gentileza simples que me toca e desvanece.

Eu não conheço a «mise-en-scene» convencional das entrevistas. Não me submeto a formulas nem preconcebi a melhor maneira de atrair as expansões do artista.

As minhas palavras desprendem-se em liberdade... Vão todas ao encontro dos quadros, envolvem-se na sua arte, desnudando-a, interrogando a sua paixão pelo mar.

— Compreende-se facilmente a minha preferéncia pelas paisagens marítimas — diz-me o pintor... Eu nasci em Setubal, ao pé do Sado, e desde a infancia experimentei sempre um grande enlêvo, uma atração contemplativa pela suavidade e pela transparéncia das suas aguas tranquillas. Fiz uma vez uma exposição só com aspectos da costa onde o mar era agitado e tinha, por vezes, arrancos impetuosos. Mas isso foi apenas para provar a algumas pessoas que tambem sabia pintar ondas revoltas porque a minha sensibilidade dá-se melhor no repouso, na tranquillidade idilica das coisas.

— Andou na Academia de Belas-Artes?

— Tirei lá o curso. Fui discípulo do Anunciação.

Mas quando saí da escola tive de ir para casa. Não havia estímulo, nem sequer o mais pequeno ambiente favoravel aos artistas. Não calcula... Os quadros eram rifados anualmente numa tombola. Enfim — uma desolação.

— Como voltou depois á sua vida artística?

— Quando o Silva Porto veio de Paris. Tinha uma grande ansiedade de coisas novas, mais amplas, e fui então frequentar as aulas dele com o Ramalho.

— A orientação agora era já diferente...

— Absolutamente. Ele estava integrado na nova escola naturalista. Dantes pintava-se no pateo da Academia, onde havia uma arvore que servia de modelo. Agora iamos para o campo e era lá, ao ar livre, que se faziam os quadros. Uma vez, lembro-me perfeitamente, pergunta-me o Silva Porto, muito admirado, porque é que eu pintava o azul do céu mais claro do que o verde das arvores. Fiquei surpreendido... «O céu é mais escuro do que as arvores», diz-me ele em seguida. Tinhamos uma visão errada das cores, um domínio falso dos tons. Estas palavras foram para mim uma revelação — abriram-me um horizonte inteiramente novo.

João Vaz pertenceu ao grupo do «Leão». Os seus quadros ainda ali estão no café da rua Primeiro de Dezembro a perpetuar a admiravel camaradagem dêsse cenaculo victorioso, brilhante, de talentos moços que ele agora, ante a minha curiosidade soffrega, recorda numa entoação de voz comovida, vibrante.

— Que entusiasmo! Que mocidade enorme havia na nossa luta!... Porque nós lutavamos. E, em cada exposição iamos vencendo a desconfiança do publico, até que triunfamos. Os «velhos» de então deixaram de expôr e nós continuámos sempre, com o mesmo espí-

rito de independência, a afirmar as nossas aspirações livres, cheias de rebeldia. Nunca me esquecem esses tempos...

— Diga-me alguma recordação que mais o emocione...

O artista hesita um pouco, retrai-se. Parece ter receio de provocar melindres, salientando só uma, preferindo-a, atraído pelas outras.

Eu respeito a sua ternura, o seu culto fraterno do passado, um passado onde se erguem belas audácias, ímpetos fulgurantes de juventude e de beleza.

— Os pintores que mais admira?

— Bastien Leppage... Tenho admiração por outros, é claro. Mas este é o que melhor traduz a minha visão de naturalismo. Vi as obras dele em Paris — fiquei maravilhado.

— Esteve muito tempo em Paris?

— Sim... bastante. Fui até lá para conhecer melhor a pintura francesa, os pintores naturalistas que entravam nesse tempo em plena consagração. Foi a época de maior entusiasmo, a mais ansiosa de toda a minha vida de arte. Encontrei lá alguns companheiros do grupo do «Leão»; reatámos logo a nossa camaradagem. Todos os dias nos juntávamos, sempre muito unidos.

João Vaz continua a falar, com saudade, com emoção, dos seus tempos de Paris, das noites de café com Columbano, Sousa Pinto e outros nomes hoje consagrados que eram então aguerridos temperamentos de revolta, inovadores, audaciosos.

A conversa tem uma pequena pausa, um ligeiro desfalecimento que eu imediatamente corto porque me ocorre outra pergunta, uma pergunta que eu não queria esquecer.

— A sua opinião sobre os «novos»?

— Dentre a geração nova ha incontestavelmente ra-

pazes de talento. A sua arte é ainda um pouco confusa. Mas isso compreende-se: E' uma consequência natural de processos e finalidades ainda não bem definidas, bem claras.

— O que pensa da arte moderna?

— Sabe... O Impressionismo, com todos os seus excessos, deixou-nos coisas esplendidas — que não-de ficar. Mas o que até agora se tem escrito sobre cubismo e futurismo ainda não pode elucidar-nos para uma larga compreensão da sua pintura.

Uma senhora já edosa, vestida de negro, interrompe-nos um instante. Os meus olhos dispersam-se pela sala... Vão poisando a esmo, enternecidos, acariciados, na frescura, no lirismo suave e discreto das cores.

A um canto, uns «apontamentos» de Florença e de Veneza veem lembrar-me uma nota interessante.

— O que me conta da sua viagem á Italia?

— Ah... Vim encantado. Trouxe de lá as melhores impressões. E' uma lenda tudo o que se diz sobre a decência da arte italiana. Vi a galeria dos modernos — é admirável.

Uma penumbra mole, sonolenta, começa a espalhar-se, adensando, escurecendo o ambiente. Os quadros agora afogam-se, flutuam na sombra, em tonações baças, enliviçadas.

Despeço-me então do artista numa ultima afirmação de apreço, numa homenagem reverente á sua alma alevantada, á sua mocidade impercível, desenvolta — aquela linda mocidade que é o mais belo orgulho da geração nova.

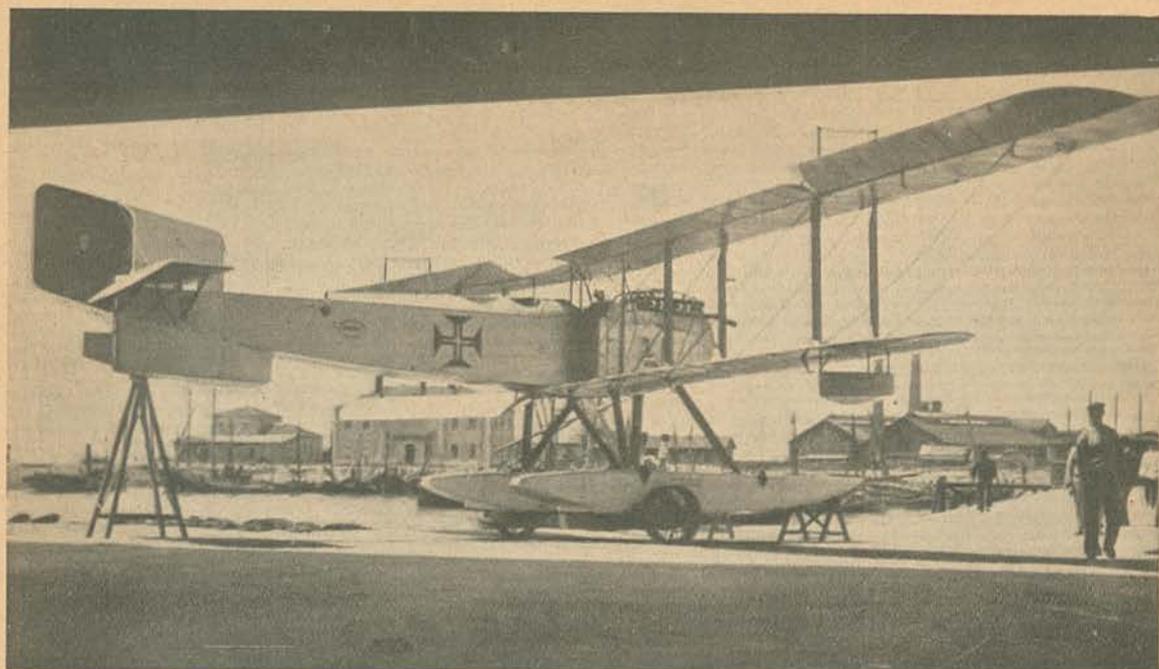
E lá fóra a tarde desmaiava e sucumbia num crepusculo dolorido, lento, de agonias lívidas e arroxeados delíquios.

ANTONIO DE MONSANTO



João Vaz posando para a Ilustração Portuguesa

(Clichés Salgado)



• O «Fairey 16», que vai substituir o «Lusitania»

A ALMA

DEPOIS da amarrissagem do *Lusitania* junto dos rochedos de S. Pedro e S. Paulo, quando se deu o acidente do flutuador, tratou-se logo de arranjar um novo avião que permitisse aos aviadores do grande e glorioso *raid* continuar o seu esforço magnífico.

O *Fairey 16* foi o hidro-avião designa-

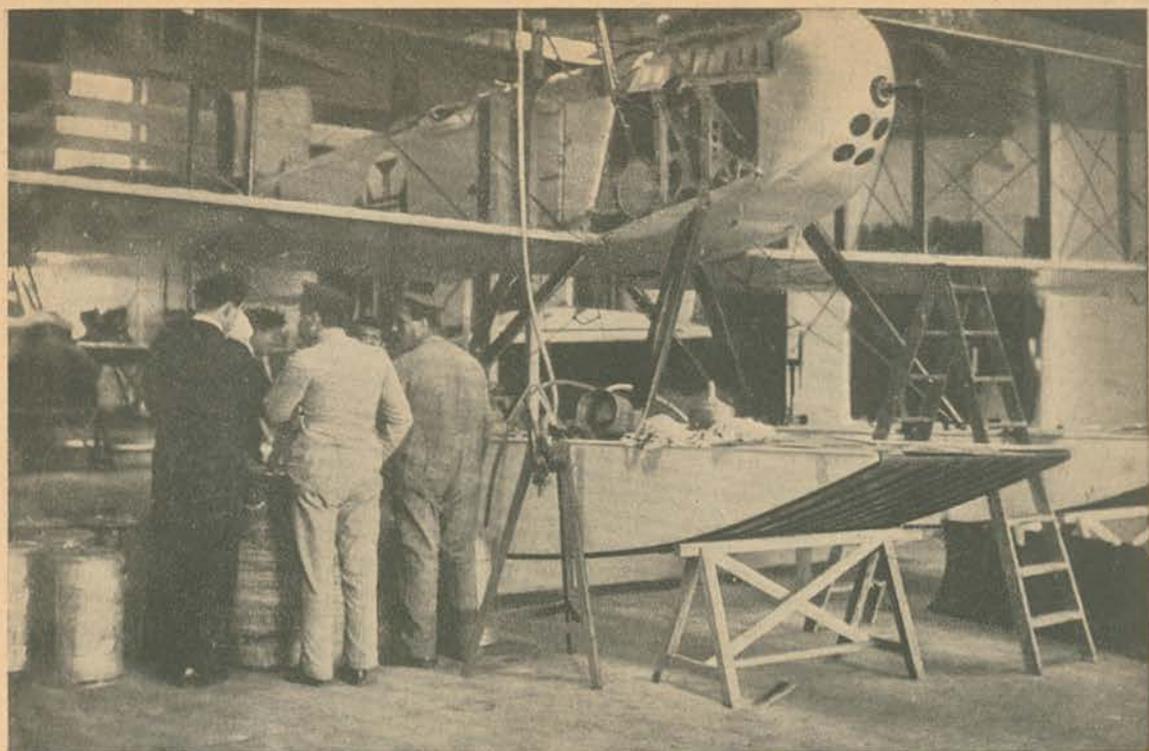


O tenente-piloto aviador Ortins de Bettencourt, que acompanha o «Fairey 16» ao Brasil

DA RAÇA

do para essa missão de honra, por ser o mais semelhante ao *Lusitania*. Tem as azas maiores e os flutuadores mais pequenos do que a primitiva nau aérea da travessia Lisboa-Rio de Janeiro. Nesses dois aviões é a alma da Raça, única e invulnerável, que passa, que explende e que triunfa.

(Clichés Salgado)



Mecanicos e operarios examinando o interior do «Fairey 16»



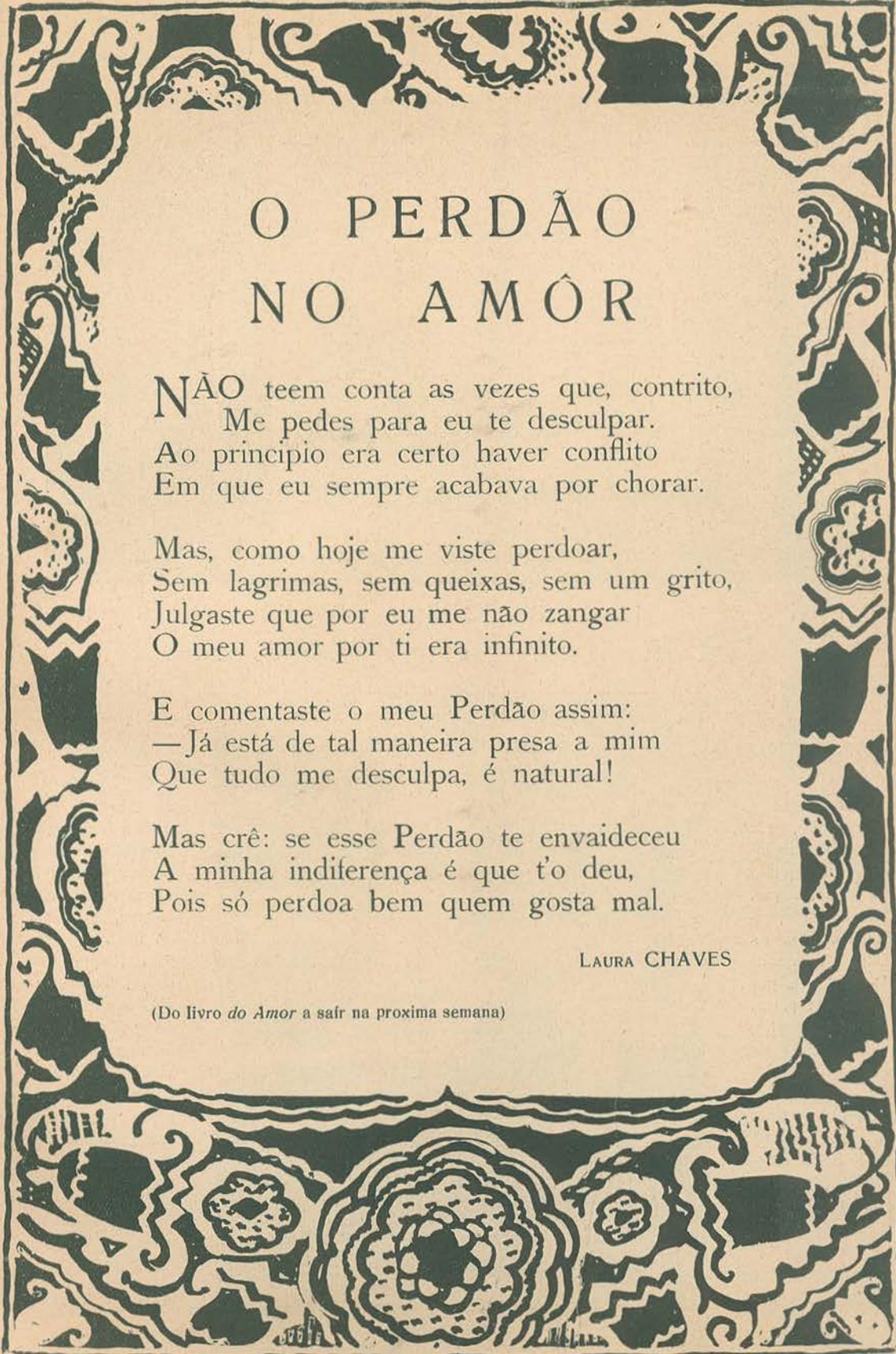
Colocando as asas do novo hidro-avião

(Cliques Salgado)



A FAUNEZA

Obra do ilustre escultor Diogo de Macedo, exposta na Société Nationale des Beaux-Arts, em Paris



O PERDÃO NO AMÔR

NÃO teem conta as vezes que, contrito,
Me pedes para eu te desculpar.
Ao principio era certo haver conflito
Em que eu sempre acabava por chorar.

Mas, como hoje me viste perdoar,
Sem lagrimas, sem queixas, sem um grito,
Julgaste que por eu me não zangar
O meu amor por ti era infinito.

E comentaste o meu Perdão assim:
— Já está de tal maneira presa a mim
Que tudo me desculpa, é natural!

Mas crê: se esse Perdão te envaideceu
A minha indiferença é que t'ô deu,
Pois só perdoa bem quem gosta mal.

LAURA CHAVES

(Do livro *do Amor* a sair na proxima semana)



I N T E R I O R E S D E A R T E
H E B E G O M E S

AS casas teem sempre, vivendo nos seus interiores, o espirito das mulheres que, delicadamente, carinhosamente, as criam. As casas d'artistas são, por isso, elas proprias, exilios de sonho, de harmonia e de belesa. Hebe Gomes, pintora distinta, cujas obras teem marcado uma sensibilidade notavel e discreta, espalhou no seu *home*, esse subtil



encanto d'intimidade e doçura que só as almas eleitas podem conseguir á sua volta. Hebe Gomes, sobrinha do ilustre aguarelista Roque Gama, deu-nos ensejo a estas duas fotografias duma interessante serenidade, onde se colhe bem o equilibrio calmo e elegante do interior da Artista — a morada luminosa da sua Arte.

[(Clichés) Salgado]



O P E R I G O

(C)ONHECEM-SE desde a semana passada. Fôram apresentados em casa de pessoas amigas. Nunca mais se encontraram depois dessa noite. O *flirt* ficou apenas esboçado. Repentinamente, numa casa de chá, ele descobre-a, solitária, numa vaga meza isolada. Vae, é claro, beijar-lhe as mãos. Ela tem uma ironia nos olhos e nos lábios.)

Ela — Sabe que me tem dito muito mal de si?

Ele — Quem?

Ela — Toda a gente...

Ele — E' para nos afastarem...

Ela — Não é. E' para me abrirem os olhos. Eu tenho muitos amigos...

Ele — E eu muitos inimigos...

Ela — Isso é talvez vaidade. Quem me disse mal de você acabava sempre: Apesar de tudo, é um esplendido rapaz...

Ele — E sou...

Ela — Com certeza?

Ele — Absoluta.

Ela — Pois bem. Vamos a saber. E a sua vida de sempre? A sua grande cronica?

Ele — Tudo mentira...

Ela — Mentira confirmada todos os dias...

Ele — Por mim?

Ela — Por si.

Ele — Mas prove, prove a acusação. Já me viu com algum aspecto de fazer medo?

Ela — De fazer medo ás mulheres como eu, muitas vezes...

Ele — Por exemplo...

Ela — Por exemplo, ontem.

Ele — Ontem? Aonde? Quando?

Ela — Ontem, num automovel fechado, pelo Chiado acima... Era bonita. Um tipo estranho... Talvez mau gosto na côr dos cabelos. Exagero nas côres da *toilette*...

Ele — Ontem, de automovel, pelo Chiado acima? A's cinco da tarde?

Ela — Vê, como se lembra!

Ele (num sorriso) — Não admira. Também a vi. la com minha irmã...

Ela — Com sua irmã?

Ele — Sim. A minha irmã anda com a mania de parecer uma artista russa. Abusa da *mise-en-scene*. E' demasiado artista e demasiado russa...

Ela (numa decepção) — Ah! Era sua irmã?

Ele — Como? Pois todo o seu terror vinha desse encontro de ontem?

Ela — Pudera! Acha pouco? Enganei-me. Perdôe... (Ha um silencio entre eles, um silencio um pouco frio...)

Ele — Mas então o que lhe disseram de mim?

Ela — Nada. Eu é que queria experimentar. Julgava que o tinha surpreendido ontem em *bonne fortune*. E para que não o negasse...

Ele — ... fingiu que tinha a certeza...

Ela — Confesso.

Ele — E gosta mais que não seja verdade?

Ela — Nem sei... Fiquei desnorreada...

Ele — E se dissesse, antes, desapontada?

Ela (rapidamente) — Mentia...

Ele — Não mentia. Tenho a impressão de que perdi muito por não a deixar supôr outra coisa...

Ela — Que ideia!

Ele — Já a conheço bastante para ter uma impressão certa. Gostava de vêr em mim um personagem inquietante, misterioso... Pois bem. Socegue. Eu é que a enganei. A mulher de ontem não era minha irmã...

Ela — Sério?

Ele — Posso garantir-lho. Era uma cantora inglesa, dum *club*, que tem um *beguin* por mim. Mas não é só ela. São muitas, são um nunca acabar... A minha dificuldade é dirigir todas as aventuras ao mesmo tempo...

Ela — Ah! E' então um homem perigoso, perigosissimo?

Ele — Perigosissimo.

Ela — Como eu pensava...

Ele — Mais ainda. Basta aparecer comigo, conversar comigo, para uma mulher se comprometer...

(Outro silencio. Um olhar inquieto dela. Um sorriso ironico dele. Gesto de despedida.)

Ele — Então posso vir amanhã tomar chá consigo ás cinco e meia?

Ela — Para me comprometer?

Ele — Posso, ou não?

Ela — Pôde... Mas sabe? E' só para lhe mostrar que não tenho medo de si...

JOÃO AMEAL.

(Desenho de Ary)

P O R T U G A L --- B R A Z I L

Está a chegar o dia 3 de Maio — jornada heroica e luminosa do descobrimento de Santa Cruz pelas caravelas ageis de Pedro Alvares. O dia 3 de Maio é um dia-santo da Raça. Gago Coutinho e Sacadura Cabral — Aguias da Patria, simbolos de epopeia e de conquista — vão levar ao Brasil, seculos corridos sobre a data da Descoberta, a afirmação da nossa vitalidade e da torça eterna do nosso grande Sonho. Embaixadores da Gloria além-Atlantico — os dois aviadores erguem, no seu acto magnifico, a mais bela comemoração do centenario de Pedro Alvares!

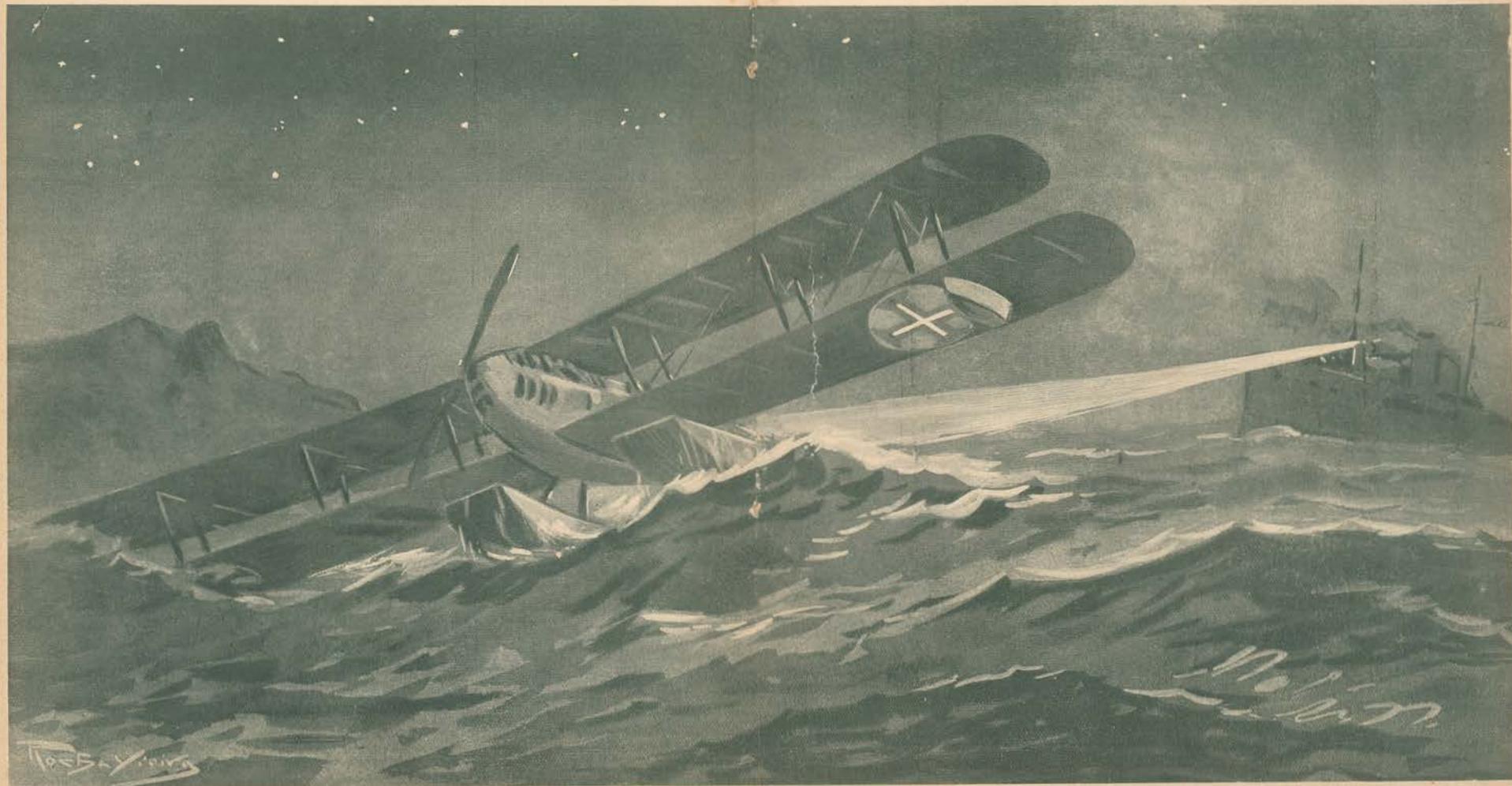
Reconstituição da amarissagem noturna do «Luzitania» junto dos Rochedos de S. Pedro e S. Paulo (Composição de Rocha Vieira)

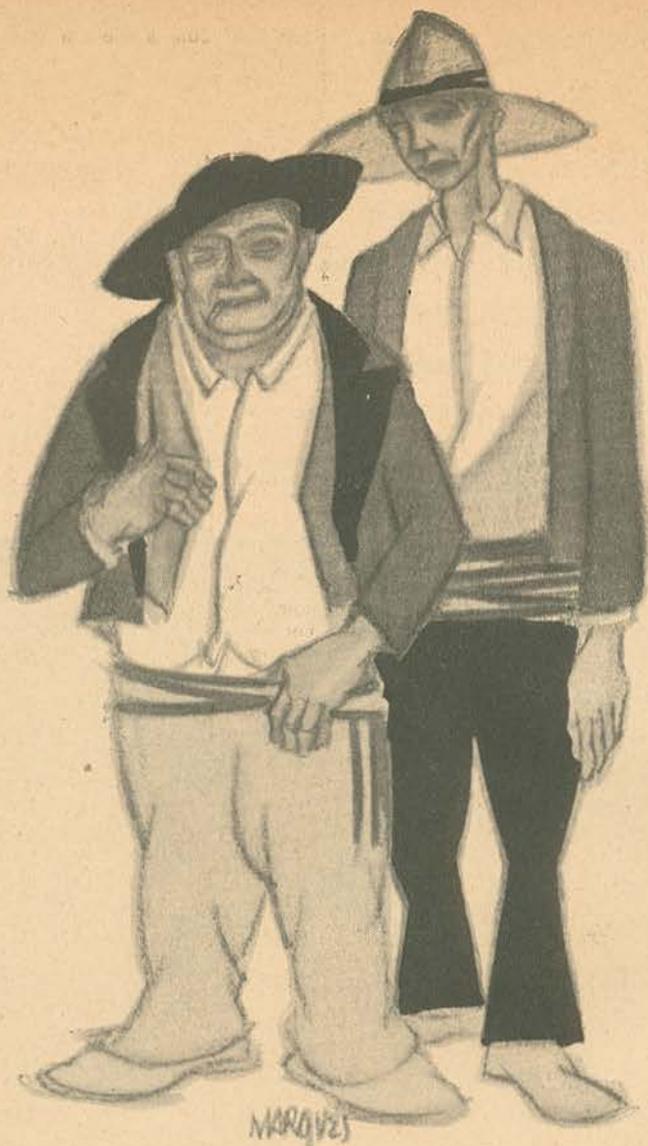


Gago Coutinho



Sacadura Cabral





MANUEL TOMÉ

O RA se eu conheci o Manuel Tomé do Serro! Um homem forte, vermelhaço, de grossas correntes no colete... Parece eu que o estou vendo! Aos domingos, era certo na venda do compadre Zé do Brito, camisa engomada, jaqueta nova, todo luzidío da pingoleta!

Falava em mundos e fundos, emborcava da rija como um valente, e se adregava fazer negocio cheio, parecia o rei do reino!

Era uma perfeição ouvi-lo discorrer sobre os alagares e a labuta da vindima. Sabia do seu officio, lá isso...

Lavrador farto,— só prá lavoira, tres parelhas,— o escramelgado ajuntara uns vintens com a corcha do Lintejo, e, metendo na conta umas courelas que a mulher herdou lá prá bandas da Barracha, bem se podia galantir que era a sua uma das casas mais aquelas da freguesia.

Ora isto! Não conhecia eu outra coisa...

Bastas vezes tive geito de lhe falar e de apertar na minha a sua mão calosa dos amanhos.

A ultima vez, que me lembre, foi á porta da botica.

Veiu á baila a falta de agua nas noras, a acolheita pobre, o milho serôdio, já espigado...

Tinha um coração de pomba aquela carcassa rude. Deus o conserve em sua santa companhia! Nunca lhe mingou a caridade pra com os povres de Cristo. Não era homem de exquisitesas, muito franco, muito amigo do seu amigo...

Um pouco acanhado de entendimento, talvez — mas a gente, está visto, é com'aquele que diz: eu nasci na bondança de Deus com'ós sobreiros mail-os porcos...

O que me agradava, sobretudo, no Manuel Tomé do Serro, era aquela maneira de rir, de bôca escancarada, riso cheio de sol e de vibração — numa gargalhada de metais sonoros, como nunca soou em povoado grande.

Batia-nos então palmadas pelos ombros, palmadas rijas de contentamento que eram a expressão mais viva do seu pitoresco.

Fêsteiro da arromba, quasi todas as cavalhadas e vigilhas corriam á custa do seu bolso.

Lá para os padres e prá devoção da Nossa Senhora Imaculada, verdade verdadinha, era um mãos rôtas!

Apesar de já orçar pelos cincoenta, as suissas risalhas e a caraça papuda não lhe tinham roubado ar de macho saudável.

O sol via-o de manhã á noite na lida dos campos, mas o seu arco-boço ainda se erguia resistente duradouro, como a torre da igreja.

As moças vadias do sítio algumas escândulas cometeram com ele.

Havia até quem alumiasse que os arraiais da Nossa Senhora era a paga de pecados feios...

Chamassem-lhe bruto!

Dum caso dou eu noticia que se assucedeu com a mulher.

Andava o Tomé nuns amores desaforados com uma tal Maria dos Anjos, dos Gorjões, quando a coitada Rita do Inaíço, se le prantou em casa, a meter no bico da companheira.

— Má raios partam a Rita do Inaíço, mai-la tua choraminga! Não m'arrenegues, mulher!

E foi-se ao cântara, a bebêr um cucharro de agua.

— Tem-te mão, home, não envergonhes as tuas barbas com escândulas côm'essas!

Manuel Tomé, filósofo alegre, em mangas de camisa, ao uso do trabalho, enquanto migava um chato de picar na concha da mão esquerda, atirou-lhe, e mortalha nos beiços, uma vaga consolação:

— Não é caso p'ra tanto, valha-te Deus. Tamêm...

— Já não me queres! Já não me queres! soluçava a companheira. Metes-te com as bácoras, já não me queres...

Foi então que Manuel Tomé explicou a sua filosofia bonomista, de fauno velho:

— Que raio!... Que eu não te quero, que eu não te quero... Como é que eu hei de saber se te quero ou não, sem te comparar com as outras?

Pois esta alma tosca e salubre tinha um grande enlevo e amôr: o filho.

O filho era espigado e bronco.

— Pouco miolo... Não tem os cinco bem medidos, era a voz corrente na visinhança.

Josézinho das Burras lhe chamavam no povo, trocando do seu destrambelho de homem.

O pai não via outra coisa no mundo.

Todas as canceiras, todos os mimos, eram para êle. Levava-o aos mercados. Deu-lhe uma corrente de prata.

Quería-o morgado rico, com grandes varjas de sementeira, e uma moçoila abastada que trouxesse ao casal algumas geiras de terra.

Mas o rapazote, enfesado, lorpa, olhando para todos com um ar de cão vagabundo, mal sabia dar agua ás mulas na pia do tanque, quanto mais requestar as cachopas atrevidas nos bailaricos da Venda Nova!

Manoel Tomé construía um lindo futuro para o filho, — via-o senhor da fortuna mais redonda da freguesia, mandando na politica e voltando uma noite

para casa com a alegria de dizer á companheira que o tinham feito vereador.

Nesta grande vontade de abrir um caminho desassombrado ao filho, mandou-o aprender as primeiras letras com o professor da aldeia.

Quando o pobre rapazelho passava, caminho da escola, quinze anos feitos, montado num gerico, o rapazio jogava-lhe dichotes, puchava-lhe pelas pernas, fazia-o num trapo.

Peleja insana a do ingénuo mestre escola!

Inutil pedagogia, persuacão inutil!

Por mais que trabalhasse aquele bloco informe, nada saía que se visse.

Outros fariam o exame de primeiro grau, nanja o Zézinho das Burras!

As letras não eram a sua vocação.

Voltou, com grande desgosto do velho, á labuta da rabiça e da adega.

Pôz-se a mercadejar pelas feiras com gado, com cereais, com as trocas baldrocas do negócio, e, n'isto desempenou, ganh u côr e saude, peito largo e olho finório.

Casou com uma moça roliça dos juncaís. Deu alento á casa, com a ajuda de Deus e a experiencia do pai.

Certo dia, porém, a morte surpreendeu o Manoel Tomé do Serro no melhor dos seus setenta, — uma morte suave e cristã que foi o premio bem ganhado em toda uma vida devotada ás coisas da sacristia.

A mana do senhor prior foi visitar a nora do defunto.

— Coitado, lamentava ela, ainda tão bem conservado...

Na casa toda fumarenta pelos morrões, acezos dos candieiros de tres bicos, cerrada á luz do sol, amortilhada em penumbra, não houve o mais pequeno rumor de mágua entre os parentes de luto.

Só a voz do Zézinho das Burras, lagrimosa, arrasada, se desprendeu dum canto, num fundo gemido de dôr, agarrada á lembrança de tantos mimos, tantos conselhos, tantas farturas, — epitáfio sentido que a sua intelligência tacanha lhe ditava, sem cuidar se era ridiculo:

— Ai, o meu pobre pai, o meu pobre pai! Por muitos anos que eu viva, já não tenho um pai com'aquele!

A essa hora, aos solavancos, lá ia a tumba do Manoel Tomé, sobre os hombros rijos de quatro campaniços, caminho da aldeia.

E atraz, como uma nódoa negra no corpo branco da estrada, seguia o bando exiguo dos amigos...

José DIAS SANCHO

Do livro de novelas regionais, em preparação: «Algarve em flor.»



Ilustrações de Bernardo Marques

AS MULHERES RUSSAS



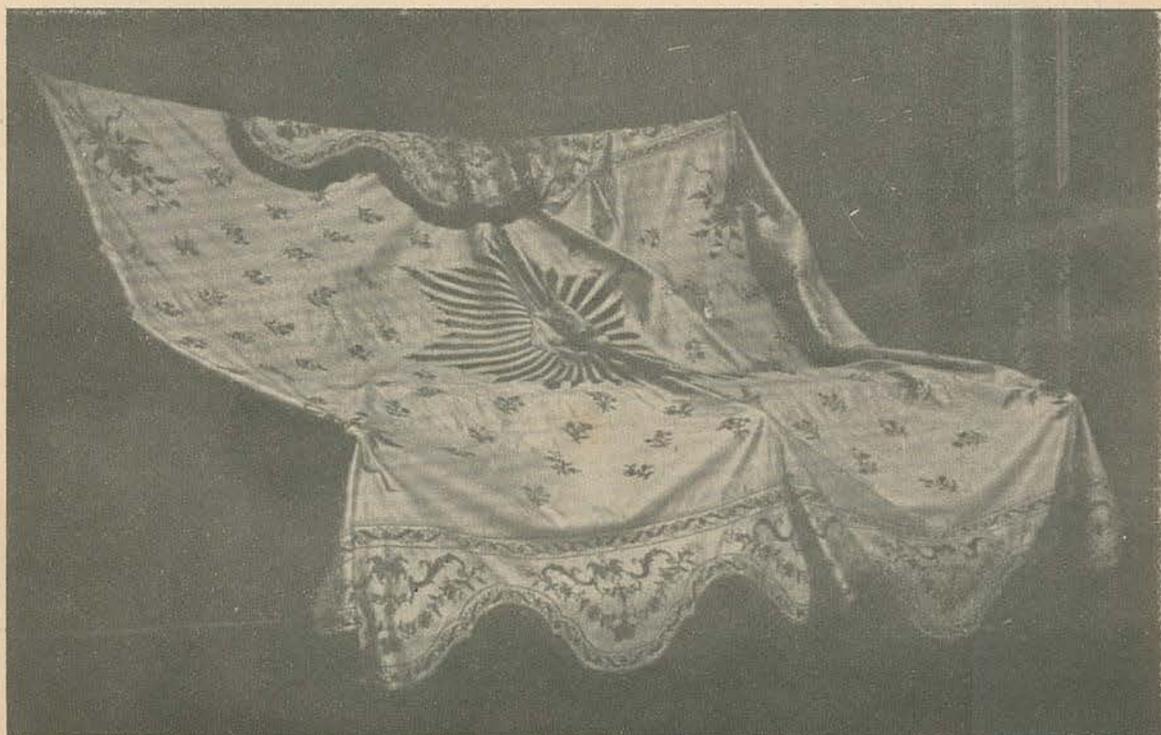
NÃO ha ninguem como os pintores russos para estilizar as figuras esbeltas das mulheres, dando-lhes uma elegancia e uma fluidez de flôcos de espuma. Tambem não ha como as mulheres russas, com os seus corpos magros de serpentes e os seus olhos largos de contemplativas, para inspirar a arte estranha dos desenhistas nórdicos. Soudekine, um interessante

e original temperamento, toma sempre para seus modelos algumas silhuetas de mulheres russas, flébeis, esguias, em póses estéticas e aristocraticas — conseguindo dar com harmonia essas curiosas belesas slavas nas suas obras delicadas, que hoje reproduzimos, e que são verdadeiros triunfos da linha, da attitude e da frescura feminina.

EXPOSIÇÃO DE ARTE SACRA



O Senhor Presidente da Republica visitando a exposição de Arte Sacra do salão da Illustração Portuguesa, tendo à sua esquerda o sr. Antonio Maria de Freitas e à sua direita os srs. Tito Martins, sub-director do Seculo; Albino Forjaz de Sampaio, redactor do Seculo; Jaime Athias, secretario geral da Presidencia da Republica, e Henrique de Melo Barreto, representante do sr. ministro dos negocios dos estrangeiros



Uma das mais preciosas peças expostas

(Clichés Salgado)



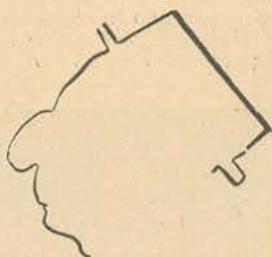
OS TEATROS



“OS TENORIOS”



OS TENORIOS — o original portuguez ha pouco estreado no Nacional — é uma peça antiga, uma peça que esperou muito tempo a sua vez, na grande fila dos retardatarios. Conhece-se bem que é uma peça antiga. Falta-lhe dinamismo, alma intensa, rajada. Os actos estiraçam-se, bocejam, numa indolencia de acção, como se a vida fosse sonolenta, preguiçosa — a vida, essa vertigem e essa corrida eterna de obstaculos... Depois, ha o lirismo. *Os Tenorios* — são quatro actos cheios de lirismo, onde o amor ainda se usa com os caracoes romanticos do seculo passado — onde o cinismo ainda *pôsa*, solene, com etiqueta, com gestos estudados e atitudes melifluas... Ramada Curto, autor dos *Tenorios* é, evidentemente, uma sensibilidade — mesmo uma sensibilidade literaria, raras vezes uma sensibilidade teatral. *Os Tenorios* teem tres scenas, quatro scenas felizes; não lhe descobri mais. Quasi sempre, falta de tecnica, falta de garra. Aqui e além, momentos felizes, observações justas. *Os Tenorios* estão muito de acordo com o titulo. E' preciso notar



que D. Juan é hoje, na vida, um personagem *fané*, esquecido, gasto — um figurino posto de parte pela civilisação, um fantoche aparatoso que já se não usa, ha muito...

José Ricardo, grande actor sempre. Bonomico, enternecido, são. O seu papel, o melhor para mim, tem um defeito: o abuso da *cotovia*, a *cotovia* que ele chama repetidamente á sobrinha. Quando diz *cotovia* — ele sentirá, sem querer, os «trinados na garganta» do velho fado sentimental... Joaquim Costa, perfeito, na sua mascara esplendida de comico. Irene Grave tem uma linha gentil, uma gracilidade natural. Descarrilou poucas vezes. Vi-a, quasi sempre, em wagon de primeira classe. Luiz Pinto, bom, como *Tenorio*... Para um papel gasto — uma caracterisação *démodée*. As barbas que ele exhibiu estão opostas á elegancia americanizada dos nossos moços glabros. Laura Hirsch, observou bem. Clemente Pinto optimo. Francico Sêna, no criado, tem uma ultima scena que é o maior *senão* da peça...

J. A



O concerto de domingo passado no Coliseu dos Recreios



O desastre da ponte de Alcantara: um aspecto das oficinas arruinadas

(Clichés Salgado)



«Retrato do pintor Henrique Franco» por Alfredo Migueis

PINTORES MADEI- RENSES



«Na montanha», quadro do pintor madeirense Henrique Franco

HENRIQUE FRANCO e Alfredo Migueis, pintores que ha alguns anos vivem na Madeira, juntamente com o escultor Francisco Franco, agora em Paris, e mais alguns artistas estrangeiros, inauguram breve uma grande exposição das suas obras no Funchal, na «Galeria de Arte», construída especialmente para esse fim. Estes artistas, bem conhecidos e afirmados, foram ambos pensionistas do Estado em Paris, teem quadros seus no «Museu Nacional de Arte Contemporanea» e teem exposto nos «Salons» de Paris e ha anos em Lisboa. E' para notar a sóbria mestria com que eles nos mostram tipos diversos da Madeira, admiravelmente surpreendidos nos seus pitorescos e nas suas características e é para notar tambem o movimento de Arte que na Madeira se tem dado ultimamente, num progresso de cultura e de bom-gôsto, devido a algumas pessoas de relevo, como o ilustre escritor e critico Reis Gomes, que tem sabido obrigar o meio, á sua volta, a abrir os olhos para a Beleza.



«Tipos madeirenses» por Henrique Franco



A gentil atriz e notavel cantora
MARIA DE LOURDES CABRAL,
estrela da companhia do «Chiado Terrasse»,
que se estreia na
Segunda-feira, 1, com a revista *Tiro ao Alvo*



CINEMAS



“MULHERES DA BEIRA”

UMA das mais interessantes missões da cinematografia é a de vulgarisar tipos e paisagens nacionais — dentro de alguns enredos imaginados pelos nossos melhores romancistas. Assim o compreendeu, e muito bem, a empresa cinematográfica que extraiu um «film» curioso e pitoresco das «Mulheres da Beira», de Abel Bo-



telhoi — vigorosa série de novelas onde, num cenário bem português, passam, amam, dilaceram-se e agitam-se, figuras genuinamente e caracteristicamente nossas. Os principais interpretes das «Mulheres da Beira» no écran são Maria Judice da Costa, sua filha Brunilde Curuson, Antonio Pinheiro e Rafael Marques.

NO domingo passado, realisou-se, na capela particular do Palacio Anadia, o casamento da Senhora D. Maria da Conceição Mello Breyner, interessantissima filha do Sr. D. Tomaz de Mello Breyner, com o Sr. Francisco de Almeida e Vasconcellos Freire Cabral, filho do Sr. Dr. Baltazar Cabral.



Pela extraordinaria pompa de que a cerimonia foi revestida, tendo sido celebrante o rev. Bispo de Portalegre e estando presentes inumeras pessoas de entre a *élite* do nosso meio aristocratico e mundano, este casamento tomou verdadeiramente o aspecto de um notavel acontecimento da semana.

(Cliché Salgado)



Artur Alvaro dos Santos, de oito anos de idade, aluno do professor Marcos Garin e que tem uma notavel e precoce tendencia musical.



Maria Manuela Feio, uma pequena amiga da Ilustração Portuguesa

E L E G A N C I A S



A moda, essa aliada diligente e devotada da *coquetterie* feminina, prosterna-se ante a correção hierárquica da linha, apaixona-se pela harmonia do colorido e, tomada da ansia do belo que procura atingir, burila, retoca, corrige, com arte requintada, todas as suas criações, exteriorizando-se em manifestações surpreendentes que, se estonteiam, também subjagam.

E' assim que nos apresenta *toilettes* de noite verdadeiramente impressionantes em que a par da simplicidade de forma, estriamente observada, se reconhece uma flagrante originalidade de disposição, uma inteligente combinação de côres e de tecidos realçados pelo inedito das guarnições, como se verifica no modelo representado na gravura.

Esta *toilette* composta por Worth, segundo as mais recentes imposições da moda, destaca pela aparente negligência que a caracteriza e que muito contribue para pôr em relevo a sumptuosidade do tecido, um maravilhoso *crêpe mât bleu roy* recamado de ornatos

tecidos em oiro e seda azul de tons diferentes. Ao lado esquerdo, caindo graciosamente do cinto de veludo *bleu roy*, alonga-se uma original *gerbe* de bagas de oiro e seda enleadas em pampans de veludo azul. As hombreiras são apenas formadas por dois fios de oiro tecidos em cadeia.

Mas nem só as magníficas *toilettes* de noite prendem a atenção da moda; os chapéus, esses delicados complementos *d'ensemble*, sem os quaes, por mais cuidada e primorosa

que a *toilette* seja, nunca se atinge o exito ambicionado, preocupam-na seriamente, tanto mais que os prefere agora muito femininos, muito *coquettes*, muito graciosos, para que a beleza dum rosto, risonho ou melancolico, ressalte favorecida, como sucede com os dois modelos que publicamos, o primeiro em tagal vermelho ornamentado com laçadas de fita de seda na mesma côr e o segundo em *georgette beige* e renda no tom.

AGARENA DE LEÃO



TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)
MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

PROVAMOS COM ATESIAOS MEDICOS

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afeções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatismo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afeções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tónico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento do peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao trabalho tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças. Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e gentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5800. Correio, até dois frascos, mais 50 centavos. Depósito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Oanda: Serra, Annes & Irmão



Marca de Fábrica registrada

Um Bemfeitor da Humanidade

EM toda parte do mundo, para todo o mundo, o

Linimento Sloan

tem demonstrado ser o anjo da bondade. Para o cançado caminhante, ou o trabalhador fatigado, cujos musculos cansados pedem auxilio; para os velhos que soffram de ataques rheumaticos, que amarguram a vida; para a creança que bate e fere a testa quando brincando, e em mil outros casos semelhantes, milhares de pessoas tem recorrido ao

Linimento Sloan

e applicando-o sentiram uma ligeira e agradável sensação de calor, e prestes nada mais, unicamente a inefavel satisfação de se terem libertado do inimigo. Compre um vidro agora; pôde bem ser que ao chegar em casa hoje tenha necessidade do mesmo.

(Vende-se em todas as Pharmacias)

Linimento de Sloan

MATA DORES

Depositarios exclusivos para Portugal e colonias: Walker Bros & C.ª Trav. do Cotovelo, 37, 1.ª - Lisboa. 11. R. MOUSINHO DA SILVEIRA - Porto

DOENTES

A Moderna Terapêutica Magnética e Psiquica

Com o auxilio dos meios FISICOS E REGIMENS NATURAIS, especificados para cada caso e devidamente individualizados, constituem

O tratamento mais racional e eficaz

PARA CURAR qualquer doença orgânica, nervosa mental **por grave e antiga que seja**; assim o tenho affirmado na minha longa pratica no estrangeiro e aqui pelas **importantes curas** que tenho realçado.

Os que estão cansados de sofrer não devem, pois, hesitar a submeter-se aos meus especiais tratamentos

Psico-fisico-magnéticos e dietéticos

de cujos favoráveis resultados **me responsabilizo.**

P. Indiveri Colucci

R. C. JOAO GONÇALVES, 20, 2.ª, Esq. - Esquina da Almirante Reis (ao Intendente)

O passao, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e fisionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passao e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em valcunios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fiziologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpentigny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Faia portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas todos os dias utels. em seu gabinete: 43 RUA DO CARMO, 43 (sobre-



Das 11 da manhã as 7 da tarde (em seu gabinete) - Lisboa

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo escripto no passao e presente e prediz o futuro. **Garantio a todos os meus clientes:** completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro. Consultas todos os dias utels das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta. **Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª, Esq.** (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

Ver, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SECVLA"

Preço: 20 centavos.

Sanitol

Não é uma
experiencia.

É um tonico de
comprovado valor
que centenas de
medicos receitam
e milhares de
doentes usam.

Use-o e ficará
forte embora tenha
um organismo fraco.

Sanitol

A' VENDA EM TODAS AS BOAS FARMACIAS

DEPOSITARIOS

LISBOA — Azevedo, Irmão & Veiga

RUA DO MUNDO, 24

PORTO — Lourenço, Ferreira Dias L.^{da}

RUA DAS FLORES, 157